

**Infraestrutura** Para especialistas, conflito entre Rússia e Ucrânia põe em risco abertura do mercado brasileiro

## Guerra ameaça oferta de gás e “energia barata”

**GUERRA NA  
UCRÂNIA**

André Ramalho e Gabriela Ruddy  
Do Rio

A guerra na Ucrânia pode dificultar a abertura do mercado brasileiro de gás natural e, na avaliação de especialistas, tornar ainda mais distante o “choque de energia barata” — promessa do governo quando lançou, em 2019, o programa Novo Mercado de Gás, para abrir o setor.

Com a tendência de altas dos preços do gás natural liquefeito (GNL), diante dos riscos em torno de uma redução das exportações russas à Europa, grandes consumidores, interessados em migrar para o mercado livre por meio da importação, terão de negociar contratos num ambiente ainda mais estressado que em 2021, quando o desequilíbrio entre oferta e demanda começou a se acentuar.

O GNL é fonte de suprimento importante para o país. Em 2021, o Brasil bateu recorde de importação do produto, devido ao aumento da demanda das termelétricas. Terminais de regaseificação foram responsáveis por 27% da oferta de gás ao mercado brasileiro, indica o Ministério de Minas e Energia.

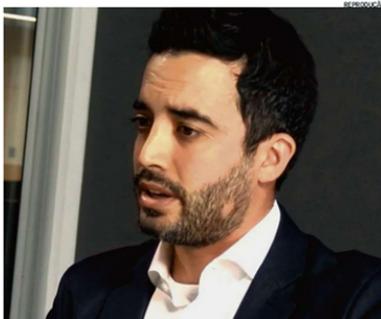
Empresas importantes de GNL buscam no processo de abertura do país novas oportunidades de negócios. Este é o caso de importadores como a New Fortress Energy,

que opera o terminal de Sergipe e prevê inaugurar este ano novas unidades em Santa Catarina e no Pará; a Excelerate Energy, que arrendou da Petrobras o terminal da Bahia; e a GNA (Prumo/PP/Siemens/SPIC), dona do terminal do Porto do Açu (RJ). Grandes fornecedores globais de GNL, como BP, Shell e TotalEnergies, também buscam contratos no Brasil.

O presidente da Gas Energy, Rivaldo Moreira Neto, afirma que existe um problema de liquidez na abertura do setor. Segundo ele, o volume mais significativo de gás nacional disponível pelos novos fornecedores privados já foi contratado pelas distribuidoras para 2022 e 2023, com Equinor, Galp, PetroReconcavo e Shell. Hoje, cerca de 10% da demanda das distribuidoras, ou 4 milhões de metros cúbicos diários (m<sup>3</sup>/dia), é abastecida pelo setor privado.

Com esse volume já contratado, de acordo com o consultor, os grandes consumidores têm poucas opções de fornecedores de gás nacional a não ser o GNL — que deixou, porém, de ser uma alternativa crível desde 2021, quando os preços da commodity saltaram no mercado internacional, em resposta ao desbalançamento da oferta e demanda.

Moreira Neto afirma que, embora Gerda e Unigel tenham conseguido fechar contratos no ambiente livre para 2022, as negociações entre grandes consumidores e fornecedores, no mercado livre, em geral, perderam tração depois



Moreira Neto: “O gás para o Brasil será disputado a tiro de canhão”

do boom dos preços do GNL em 2021. A expectativa agora é que, com os riscos de redução do fornecimento do gás russo para a Europa, a indústria brasileira terá que disputar cargas de GNL com os europeus, a preços pressionados.

“O custo de oportunidade hoje para qualquer fornecedor de GNL é o que a Europa está pagando. O gás para o Brasil será disputado a tiro de canhão”, disse. “A contratação firme de GNL pela indústria fica mais difícil, porque ela só vai comprar gás no mercado livre se puder comprar mais barato que consome. É isso que praticamente impossível com GNL hoje.”

O diretor de gás da Associação dos Grandes Consumidores de

Energia e Consumidores Livres (Abrace), Adriano Lorenzon, concorda que eventuais sanções ao gás russo podem deslocar o GNL disponível no mercado para a Europa. Ele destaca, no entanto, um outro lado da moeda da crise no Leste Europeu: a atração de investimentos na produção de gás no Brasil, nos próximos anos. “Uma outra linha de pensamento é que uma alta dos preços dá um sinal econômico para os produtores de gás brasileiros ampliarem a produção e venderem de maneira competitiva”, afirma.

Para Moreira Neto, existe a expectativa de entrada de mais gás nacional no mercado, a partir de maio, com o início das operações

do gasoduto Rota 3. O consultor ressalva que a grande fornecedora, contudo, continuará sendo a Petrobras — que, em negociações recentes com distribuidoras, repassou o aumento dos custos com GNL e encareceu o gás no Brasil.

Ele defende que, para que a abertura do mercado brasileiro não trave neste momento em que o GNL não está atrativo para o mercado livre, o governo deveria pensar em executar um programa de “gas release” — conceito previsto na Lei do Gás segundo o qual o agente dominante cede, compulsoriamente, volumes de gás para concorrentes. “Seria uma forma de garantir que o mercado continue alimentado de liquidez, até que mercado consiga por ele mesmo buscar alternativas”, disse.

O diretor de estratégia e mercado da Associação Brasileira das Empresas Distribuidoras de Gás Canalizado (Abegás), Marcelo Mendonça, afirma que ainda é prematuro analisar o impacto da crise na Europa sobre a abertura do mercado brasileiro, mas concorda que existem hoje poucas opções de fornecedores no Brasil. “A regulação do mercado livre em São Paulo já completou dez anos e não vimos a abertura de fato, porque não existe molécula disponível. São casos muito pontuais”, avalia.

O analista de pesquisa de gás e GNL da Wood Mackenzie para a América Latina, Henrique Anjos, ressalva que, mesmo com a crise no Leste Europeu, o impacto maior sobre o mercado de gás será nos

preços spot, de curto prazo. “Os supridores de GNL [que atuam no Brasil] vão buscar vender para as indústrias com contratos de longo prazo. A dinâmica de preços é um pouco diferente, pode incluir, por exemplo, uma indexação ao Henry Hub [preço de referência dos EUA], que é mais estável que os preços spot do mercado europeu”, disse.

Anjos também cita que o mercado doméstico — ao contrário do internacional — dá sinais de equilíbrio após um 2021 de forte estresse causado pela crise hídrica. A perspectiva de entrada de gás novo, com o Rota 3, e a redução da demanda termelétrica tendem a tornar o mercado brasileiro menos estressado. “E pela ótica do consumidor, um mercado menos apertado traz um cenário melhor para negociação [com fornecedores]. O grande consumidor dificilmente vai conseguir migrar para mercado livre em 2022, mas as condições internas, para 2023, são melhores. Mas, claro, a questão é saber quem vai ter gás disponível e em que condições”, comentou.

Já na avaliação do sócio da área de energias e recursos naturais da KPMG Anderson Dutra, as sanções à Rússia podem acabar contribuindo para o surgimento de novos consumidores de gás no Brasil. Ele cita o caso de possíveis novas plantas de fertilizantes no país, dado que parte da demanda do agronegócio no país é suprida pela Rússia. “Investidores podem começar a olhar com outros olhos para esse tipo de ativo aqui”, disse.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

**Seção:** Especial **Caderno:** A **Página:** 6